

SOCIEDADE SEGURANÇA

Contra-ataque Governo português adota nova estratégia de combate à radicalização e recrutamento para o terrorismo

Portugal na mira de jihadistas espanhóis



QUATRO PERGUNTAS A

Luís Tomé

Coordenador científico do Observatório de Relações Exteriores da Universidade Autónoma de Lisboa

Q Que grupo é este, o Sharia4Spain?

R É um grupo radical islâmico, do ramo salafista, há muito referenciado em Espanha e também no enclave espanhol de Melilla, em Marrocos. É parte da rede jihadista internacional e de um universo que vai muito para lá de Espanha, até porque, desde logo, está diretamente ligado a outros grupos similares, Sharia 4, em diversos países, como por exemplo Sharia4Belgium ou Sharia4America.

Q Que tipo de preocupação representa uma organização deste tipo?

R A ameaça é multifacetada e eu diria que este tipo de rede representa todos os perigos associados ao terrorismo de tipo jihadista, pelas suas motivações, atividades e conexões. As ramificações desta rede estendem-se a Marrocos, Bélgica, França, Tunísia, Turquia, Líbia, Mali, Indonésia e Síria. Dedicam-se a atividades de propaganda e doutrinação, recrutamento, angariação de fundos e envio de recrutas e convertidos para locais de conflito jihadista. Têm, por isso, ligações a grupos jihadistas na Síria (como o ISIL ou a Frente Al Nusra); no Mali (Movement for Oneness and Jihad in West Africa — MUJAO); ou na Líbia; bem como à Al-Qaeda do Magrebe Islâmico. Sabemos, por exemplo, que alguns dos detidos recentemente em Espanha e também em Marrocos e França são antigos combatentes na Síria e no Mali. Talvez o maior perigo presente para os países europeus venha precisamente de jihadistas ex-combatentes em locais de conflito como a Síria, com treino e experiência operacional no manuseamento de armas, explosivos, sequestros e homicídios, dispostos a exercitar a Jihad na Europa e ainda por cima inseridos numa estrutura organizada e numa rede internacionalizada.

Q O que representa a presença de portugueses neste grupo?

R A confirmarem-se essas notícias provenientes de Espanha, isso significaria duas coisas: desde logo, que haveria portugueses a serem radicalizados e recrutados, não apenas por via da internet, mas também por contacto direto e personalizado por um grupo organizado e conectado com a Jihad global; por outro lado, que haveria uma segunda rota de recrutas nacionais, além da referenciada rota londrina, a irem para certos palcos de conflito jihadista.

Q Portugal também deve estar preocupado?

R Portugal deve estar vigilante e atento a esta ameaça, quer por razões de segurança nacional quer também em função da nossa localização geográfica e das nossas responsabilidades para com outros países parceiros e aliados cuja segurança depende também da nossa vigilância e cooperação. O terrorismo, e o terrorismo de tipo jihadista em particular, é desde há uns anos reconhecido como uma das maiores ameaças à segurança europeia e internacional e assumido por organizações como a ONU, a NATO ou a UE, de que Portugal é membro.

HUGO FRANCO,
RAQUEL MOLEIRO
e RICARDO MARQUES

A Sharia4Spain (S4S), uma plataforma jihadista criada em 2011 e que tem sido um dos principais alvos da Guardia Civil, defende a “destruição do sistema constitucional espanhol e português e o restabelecimento da *sharia* (lei islâmica) e do sistema de califado em toda a Península Ibérica”. É o que diz o sétimo dos 18 princípios do grupo, suspeito de aliciar e recrutar jovens muçulmanos espanhóis, franceses, marroquinos e portugueses para as frentes de combate, na Síria, contra o regime de Bashar al-Assad. Portugal está na mira.

Quatro dos maiores especialistas espanhóis em jihadismo, ouvidos pelo Expresso, são unânimes: as autoridades portuguesas têm motivos para preocupação. “Portugal deve estar bastante alerta às movimentações de jihadistas pelo seu território e à radicalização, dentro e fora das suas fronteiras, de cidadãos portugueses ou com residência em Portugal”, adverte Fernando Reinares, investigador principal de terrorismo internacional do Real Instituto Elcano, de Madrid. Opinião partilhada por Óscar Pérez Ventura, diretor do Departamento de Análise do Terrorismo e Crime Organizado, que acrescenta: “Estes jihadistas ibéricos são considerados muito perigosos.” Miguel Torres Soriano, professor universitário e autor do livro “Al Andalus, 2.0”, é contundente: “Atenção, que todas as menções destes grupos à recuperação da Andaluzia referem-se também a Portugal. Os jihadistas não acreditam em divisões nacionais, mas

na existência de uma única comunidade muçulmana que abarca toda a península.”

O cerco aos radicais ocidentais que regressaram da ‘guerra santa’ tem vindo a apertar-se nos últimos meses. E esta semana o Governo português adotou uma nova estratégia da União Europeia no combate à radicalização e recrutamento para o terrorismo. Segundo o gabinete do ministro da Administração Interna, Miguel Macedo, o objetivo é, entre outros, “fazer face ao fenómeno dos combatentes estrangeiros e combatentes regressados (com especial enfoque no caso da Síria) de teatros de operações de organizações terroristas” (ver caixa). O último Relatório Anual de Segurança Interna já alertava, em março, para a presença de portugueses na Jihad na Síria e no Mali. Para José Manuel Anes, do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo, “aquilo que estes jihadistas como

o Sharia4Spain defendem, o de uma Península Ibérica unificada pelo extremismo islâmico, é muito preocupante”. E acrescenta: “Os nossos serviços de informações estão certamente a seguir este tipo de grupos.”

Alguns jihadistas detidos recentemente — como o francês Mehdi Nemmouche, suspeito do ataque ao Museu Judaico em Bruxelas, e o espanhol Abdeluhaid Mohamed — estiveram na Síria em 2013, nas fileiras do grupo islâmico mais radical, o ISIL (Estado Islâmico do Iraque e do Levante), de que fazem parte dez jihadistas portugueses monitorizados pelas ‘secretas’. O espanhol integrou uma célula de 20 *mujahedins* no norte daquele país, onde também se encontravam alguns dos radicais portugueses.

Capacidade de sobrevivência

O recrutamento em Espanha é feito sobretudo através das redes sociais.

Europa combate radicais islâmicos

As autoridades europeias estão a tentar controlar o regresso dos jihadistas ocidentais que combateram na Síria. A nova estratégia do Conselho de Justiça da UE, aprovada na quinta-feira no Luxemburgo, prevê que os cidadãos europeus que regressem de países fora do espaço Schengen possam ser alvo de uma fiscalização mais apertada. Além da verificação do passaporte, as autoridades poderão consultar bases de dados dos serviços de segurança, para assegurar que estas pessoas “não representam um perigo sério para a segurança interna da UE”. O documento, que recomenda uma maior cooperação

entre os Estados europeus e países terceiros diretamente relacionados com ameaças terroristas, foi revisto especificamente em resposta à guerra da Síria, que tem atraído milhares de jovens para a Jihad. A União Europeia diz ser urgente “a identificação de indivíduos de risco antes da sua partida; durante a estada em zonas de conflito e no seu regresso”. Existe a preocupação de que “alguns desses viajantes possam regressar com a intenção de realizar atos terroristas na Europa”. No futuro poderá haver operações concertadas com as autoridades de países não europeus.

Nas páginas do Twitter (de onde foi retirada a imagem em cima) e Facebook da Sharia4Spain encontram-se dezenas de textos e vídeos que apelam à submissão total a Alá. Para fintar as autoridades, abrem e encerram blogs, mudam de nome e alojam-se em domínios de difícil acesso. Os novos membros são aconselhados a manter o estilo de vida ocidental, para não dar nas vistas: podem beber álcool e até consumir drogas, em alguns casos. “A S4S tem um núcleo central com quatro a cinco fundadores, rodeado de um grupo de 20 fiéis de absoluta confiança e um terceiro círculo de 400 seguidores”, explica Óscar Pérez Ventura. “Estão a proliferar em França, Holanda, Bélgica e Dinamarca.” A casa-mãe inglesa, o Movimento Global Sharia 4, foi considerada “organização terrorista”.

O Expresso enviou perguntas para um *e-mail* da Sharia4Spain, mas não obteve resposta. E nos últimos dois meses contactou vários jihadistas portugueses, também sem sucesso. O gabinete do secretário-geral do Sistema de Informações da República Portuguesa não faz comentários.

Para Javier Gil, investigador do Instituto Universitario General Gutiérrez Mellado, de Madrid, o maior perigo destas células jihadistas é a capacidade de “recuperação, expansão e sobrevivência”. Lembra que a 30 de maio a polícia deteve seis operacionais de uma rede que enviava recrutas para a Síria e o Mali. A mesma rede que em 2012 se pensava ter sido desarticulada. “Mal se elimina uma célula, aparece outra”, diz. Das cinzas podem criar outro grupo num local diferente e com novas características. “Estas qualidades fazem com que Portugal seja um local perfeito para se moverem, devido à pressão policial em Espanha e também pelos contactos já estabelecidos entre pessoas de ambos os países.”

hfranco@expresso.imprensa.pt